

O ensino da Arte Contemporânea: estesia e sensorialidade na Educação Infantil

Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha

O ensino da Arte Contemporânea

estesia e sensorialidade na Educação Infantil

Resumo: O presente artigo aborda duas experiências feitas com uma turma de Educação Infantil durante a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado do Ensino de Artes Visuais I — Educação Infantil, utilizando como base a exploração sensorial e as possibilidades artísticas contemporâneas. Para tanto, ancora-se nas artistas Yoko Ono, Lygia Clark e no artista Hélio Oiticica. Assim, objetiva questionar o uso de recursos fotocopiados viciados e repetitivos — tão presentes nos centros de Educação Infantil — e ressaltar como o ensino da arte contemporânea com crianças pequenas pode ser revolucionário ao possibilitar a construção de um pensamento estésico e sensorial. Fundamentando-se então, teoricamente, em Canton (2009), Cunha (2019), Amorim e Góes (2019), Góes (2019; 2020), Iavelberg (2008) e Vigotski (2009). E finaliza inferindo sobre a premência de que professoras e professores compreendam que as crianças podem desenvolver seu potencial criativo por meio do corpo, sensorialmente, esteticamente, ao invés de bombardeá-las com ideias impostas pelos adultos ou que produzam algo material ao final de cada atividade de arte.

Palavras-chave: Sensorialidade. Estesia. Ensino da Arte. Arte Contemporânea. Educação Infantil

The teaching of Contemporary Art

aesthetics and sensoriality in Early Childhood Education

Abstract: This article discusses two experiences with an Early Childhood Education class during the course of Supervised Curriculum Internship in Visual Arts Teaching I - Early Childhood Education, using as a basis the sensory exploration and contemporary artistic possibilities anchored in the artists Yoko Ono, Lygia Clark and in the artist Hélio Oiticica. It aims to question the addictive and repetitive photocopied resources – so present in Early Childhood Education centers – and highlight how the teaching of contemporary art with young children can be revolutionary by enabling the construction of an aesthetic and sensory thought. It is theoretically based on Canton (2009), Cunha (2019), Amorim and Góes (2019), Góes (2019; 2020), Iavelberg (2008) and Vigotski (2009). It ends by inferring the urgent need for teachers and teachers to understand that children can develop their creative potential through the body, sensorially, aesthetically, instead of bombarding them with ideas imposed by adults or that they produce something material at the end of each activity. art.

O ensino da Arte Contemporânea: estesia e sensorialidade na Educação Infantil
Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha

Keywords: Sensoriality. Aesthesia. Teaching of Art. Contemporary art. Child education

O ensino da Arte Contemporânea: estesia e sensorialidade na Educação Infantil

Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha

1 Introdução

O propósito deste artigo é descrever o desenvolvimento de uma experiência vivenciada na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado no Ensino da Arte na Educação Infantil, realizada como disciplina obrigatória do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo — UFES.

O Centro Municipal de Educação Infantil — CMEI escolhido para realização das atividades do estágio está situado no bairro República, na cidade de Vitória, Espírito Santo. Esse bairro é privilegiado em termos de estrutura e seus moradores têm boas condições financeiras, devido a disso, a escola também conta com uma excelente estrutura física. Consideramos que esses aspectos são importantes ao planejarmos as atividades e refletirmos sobre os contextos sociais e culturais das crianças.

Nessa perspectiva, ao conhecermos a professora E.¹ e a atividade proposta por ela — uma mostra trazendo releituras das obras de Lygia Clark e de Lygia Pape — que era embasada em uma poética de uma artista contemporânea, ao invés de, como comumente é proposto nas atividades de arte para crianças, atividades fotocopiadas para colorir, fomos surpreendidas.

A partir de então, percebemos que seria o momento perfeito para mergulhar em uma experiência que envolvesse a Arte Contemporânea tendo como motivação as atividades já trabalhadas pela professora regente. Assim, estabelecemos que o intuito era fugir do “desenho livre” de sempre, que consistia na utilização de desenhos fotocopiados e de atividades sem propósitos de aprendizagem e significação artística. Dessa forma, nosso objetivo era proporcionar a experiência sensorial e estética como ponto fulcral a ser experienciado com crianças pequenas, questionando os recursos fotocopiados viciados e repetitivos e inferindo que, por meio da arte contemporânea, o ensino da arte pode ser revolucionado através da construção de um pensamento estético e sensorial.

¹ Optamos por utilizar apenas a letra inicial de seu nome em função do sigilo ético.

O ensino da Arte Contemporânea: estesia e sensorialidade na Educação Infantil

Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha

Dialogamos com Góes (2019, p. 54), quando a autora nos faz refletir sobre o ensino da arte com crianças pequenas ao pontuar que:

Habituada a um ensino da arte que traz em seu bojo a produção de objetos artísticos, a comunidade escolar (pais, crianças, professores) espera que, das aulas de arte surja produto final, uma “obra de arte”, ou quando muito, algo esteticamente agradável aos olhos e de fácil entendimento.

Com isso, percebemos a necessidade de rompimento desse ciclo, tão presente nos ambientes escolares, propondo que as experiências na sala de atividades pudessem ter uma proposta reflexiva, considerando a constituição de um pensamento crítico já na infância, e que as experiências do ensino da arte avançassem para além do produto final.

Nesse sentido, este artigo está organizado da seguinte forma: após essa introdução, dialogaremos com autoras/es que pensam o ensino da arte na Educação Infantil a partir de uma perspectiva contemporânea, sensorial e experimental. Em seguida, discorreremos sobre o desenvolvimento da experiência docente no estágio, vivenciada esteticamente com as crianças pequenas, e então apresentaremos as considerações finais.

2 Arte Contemporânea: estesia e sensorialidade

150

Ao refletirmos sobre o ensino da arte contemporânea para crianças pequenas, faz-se necessário dialogar com Iavelberg (2008, p.1425), quando ela ressalta que “[...] Em meados do século 19, descobre-se o valor da arte da infância como fonte de qualidade para a arte adulta”. Essa afirmação nos ajuda a pensar sobre como essas visões contribuíram e contribuem para que nós, adultos, sensibilizemos nosso olhar ao mundo e também às produções das crianças.

Muito se resistiu até que se reconhecesse a legitimidade da arte infantil, antes associada à arte de povos primitivos e históricos, bem como, que a arte adulta influenciaria negativamente na criatividade e na produção artística das crianças. Nesse sentido, segundo Iavelberg (2008, p. 1426), a partir dos anos 80, é que se passa a admitir “[...] que a interação com a arte adulta é

O ensino da Arte Contemporânea: estesia e sensorialidade na Educação Infantil

Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha

feita pelas crianças e a estética com adulta é ressignificada na produção infantil, que a assimila a seus esquemas artísticos”.

A partir do século 20, surgem diversos tipos de produção de arte na infância que de fato serão consideradas e estudadas como documentos de arte por artistas, educadores e psicólogos. A criação de diferentes possibilidades de sensibilização e de libertação do estigma, antes presente, da não valorização da elaboração artística infantil contribuiu para a potencialidade de interlocução entre arte e infância, desencadeando novos trabalhos, reflexões, estéticas e didáticas.

Diante desse contexto, surgem novos pensamentos de autoras e autores contemporâneos que, inclusive, desconstruem os ideais da Escola Nova e de Lowenfeld² como:

- o da Escola Sócio-Histórica de Vygotsky (1979) sobre as relações entre pensamento e linguagem e entre aprendizagem e desenvolvimento, que **incluem a cultura como forma de intervenção nos processos de aprendizagem, por intermédio de mediações com objetos sociais do conhecimento;**
- a pesquisa de Brent & Marjorie Wilson (1997) que valida **o diálogo das crianças com a arte adulta na aquisição de códigos da linguagem visual** (IAVELBERG, 2008, p.1430, grifo nosso).

A partir de então, “[...] Em todos os trabalhos que reorientaram as proposições da Escola Nova observa-se a inclusão do diálogo com os objetos das culturas [...] e as relações entre a aprendizagem e o desenvolvimento que resultam dessas interações” (IAVELBERG, 2008, p.7), resultando assim na afirmação da autonomia da arte da infância, o que contribuiu fortemente para a observação do ensino da arte na contemporaneidade.

Essas atitudes transformadoras foram decisivas para que, atualmente, pudéssemos acreditar nas crianças enquanto corpos potentes, planejando ações e didáticas que se enquadrem nos currículos escolares. Nessa perspectiva, de acordo com Amorim e Góes,

² Viktor Lowenfeld (1903-1960), vienense que, deixou a Europa, fugindo do nazismo, radicou-se nos Estados Unidos, em 1938, também pintor e estudante de arte, inicialmente professor e investigador do trabalho criativo de crianças cegas, valorizou a experiência pessoal no caminho da criatividade da arte da infância e afastou todas as possibilidades de diálogo entre a estética da infância e a da arte adulta. Lowenfeld foi uma das grandes influências no ensino de arte das escolas e escolinhas de arte brasileiras nos anos 60 e 70.

O ensino da Arte Contemporânea: estesia e sensorialidade na Educação Infantil

Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha

Buscamos assim uma arte que dialogue com a vida das crianças, com suas vivências e experiências concretas, trazendo o “[...] corpo como algo vivo, integrado às experiências dos sentidos” (CANTON, 2009, p. 44), levando-as a se apropriarem diretamente da produção artística contemporânea por meio das diferentes linguagens (AMORIM; GÓES, 2019, p. 12).

Dessa forma, percebemos que a produção infantil tem sua autenticidade, e ressaltamos o valor da arte na infância. Através desse panorama histórico de como se inicia a legitimidade dos trabalhos de arte com criança apresentado por Iavelberg (2008), é possível compreender como essas questões reverberam em nossa contemporaneidade.

Atualmente, um dos maiores desafios existentes é saber qual a melhor forma de promover um diálogo eficaz e libertador entre o sistema de educação, o ensino da arte e o contexto histórico cultural das crianças. Para Iavelberg (2008),

A escola contemporânea continua ativa com epicentro no aluno, mas foca na aprendizagem, ou melhor, no diálogo entre o ensino e a aprendizagem da produção cultural, como conteúdo a ser aprendido de forma sistemática, em sua diversidade. [...] Em Arte, na escola, o aluno terá oportunidade de construir seu percurso de criação, suas hipóteses sobre arte como objeto de conhecimento e sua visão contextualizada sobre o valor da arte na sociedade e na vida dos indivíduos, por intermédio de orientações didáticas que fazem dialogar com seus saberes com os da produção da área (IAVELBERG, 2008, p.7).

Essas experiências artísticas, mediadas pelo sistema educacional e pontuadas pela autora, são interessantes de serem pensadas no contexto educacional, pois, apesar de serem inseridas no currículo escolar, não foram criadas as condições necessárias para o desenvolvimento delas, o que ocorreu devido a inúmeros fatores, dentre eles: falta de professoras e professores licenciados em arte, falta de materiais, de infraestrutura e de tempo suficiente para execução de projetos nas aulas de arte, haja vista que, normalmente, as aulas ocorrem apenas uma vez por semana. Desse modo, os arte/educadores contemporâneos ainda se deparam com dificuldades que vão para além de pensar a arte e sua produção reflexiva junto às crianças.

O ensino da Arte Contemporânea: estesia e sensorialidade na Educação Infantil

Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha

Cunha (2019) também reflete sobre o contexto do ensino da arte para/na Educação Infantil, ao abordar como as crianças são capazes de utilizar seus sentidos de forma mais aguçada que a maioria dos adultos e como o ensino de arte se comporta diante disso. A autora traz à tona a discussão em relação ao fato de as mídias sociais e os meios de comunicação afetarem o imaginário infantil de uma forma que, conseqüentemente, a produção artística também é afetada. Para ela,

As imagens disponibilizadas cotidianamente, através dos meios de comunicação e das corporações de entretenimento, acabam se tornando as principais referências para que as crianças elaborem seus imaginários e construam suas imagens tendo em vista que outros repertórios visuais, como os das artes visuais e de outras produções culturais, não participam frequentemente de suas vidas (CUNHA, 2019, p.13).

Destarte, pode ser que, cada vez mais, a conduta infantil seja marcada pelos clichês e que os repertórios imagéticos estejam diretamente ligados a desenhos animados, propagandas, embalagens e coisas do tipo. A racionalidade industrial invade a capacidade humana de ver, imaginar e de simbolizar, influenciando o modo de ver o mundo, portanto, é necessário que essas questões façam parte das discussões educacionais para que haja “[...] possibilidades de ressignificar o que está aí no mundo e singularizar ações, pensamentos e modos de ser” (CUNHA, 2019, p.12).

Diante dessas e de tantas outras questões que tangenciam o ensino da arte para as crianças pequenas, questionamos o uso de recursos fotocopiados viciados e repetitivos — tão presentes nos centros de Educação Infantil — e ressaltamos como o ensino da arte contemporânea pode ser revolucionário ao possibilitar a construção de um pensamento estético e sensorial.

3 Experienciando: sons, desenhos e corpos em movimento

Discutir e fomentar a ideia de um trabalho a partir de uma perspectiva contemporânea, considerando que as crianças têm muito a nos dizer e a nos ensinar e que é necessário aproximar

O ensino da Arte Contemporânea: estesia e sensorialidade na Educação Infantil

Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha

o cotidiano delas ao ensino da arte, é que iniciamos nossas proposições, pois queríamos que as crianças vivenciassem a arte a partir de diferentes experiências no espaço escolar.

Compreendemos que a participação das crianças no campo das artes é fundamental, uma vez que alguns artistas modernistas buscavam inspiração nas produções infantis. Segundo Amorim e Góes (2019), durante o período modernista,

Surge no meio artístico diferentes experiências envolvendo a luz natural, as impressões pessoais, a construção das formas, o movimento, a abstração, entre outros elementos, experiências que buscavam nos desenhos infantis a inspiração para criar e transformar o olhar, que se voltava também para a criança e a arte infantil (AMORIM; GÓES, 2019, p. 11)

Como descrito, alguns artistas modernistas se inspiravam nos desenhos infantis “para criar e transformar o olhar”. Isso nos afeta e nos faz compreender que as crianças têm uma capacidade criadora potente e que, quando estimuladas intencionalmente, podem nos proporcionar uma vivência extremamente enriquecedora, pois elas ressignificam e atribuem sentidos diversos numa relação direta com o ato de experimentar a arte.

Dessa forma, nossa intervenção ocorreu com crianças de cinco anos de idade de um Centro de Educação Infantil, e o plano de atividades proposto se constituiu como um recorte voltado para a sensorialidade no que tange à Arte Contemporânea. Selecionamos as artistas Yoko Ono e Lygia Clark, e o artista Hélio Oiticica, pois já faziam parte do projeto que a professora de arte estava desenvolvendo.

As experiências aconteceram em dois momentos: iniciamos a atividade com uma roda de conversa falando sobre os artistas Lygia Clark, com a série “Máscara Sensoriais” (Imagem 01) e Hélio Oiticica, com a série “Bólides” (Imagem 02), ambas as séries iniciadas no começo da década de 60.

No ano de 1966, a artista contemporânea Lygia Clark iniciava um de seus maiores projetos, denominado “Objetos Sensoriais”, cujo objetivo era explorar as relações entre corpo e arte, utilizando, para isso, ferramentas cotidianas. Nessa série, composta por diversas obras, sendo as máscaras sensoriais uma delas, pode-se notar que existe uma busca por autoconhecimento, assim, muitas vezes, as experiências são solitárias, sem contato com o outro.

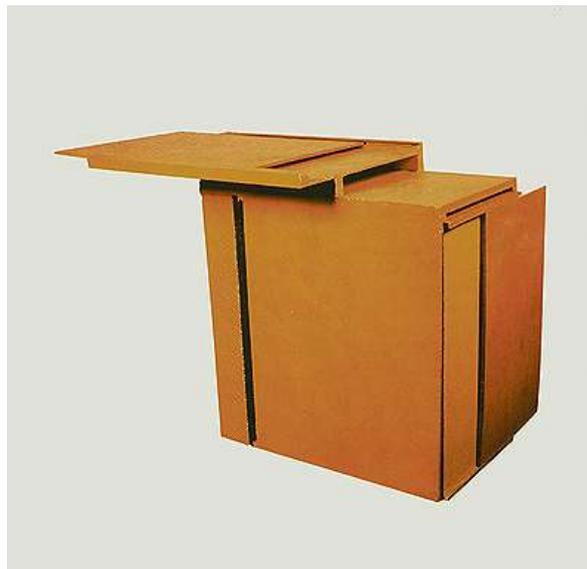
O ensino da Arte Contemporânea: estesia e sensorialidade na Educação Infantil*Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha*

Intencionalmente, a artista busca fazer com que o espectador, ao colocar a máscara, entre estado de isolamento com o mundo exterior, buscando uma sensação única e singular.

Em “Bólides”, o artista Hélio Oiticica passa a construir caixas que contenham diversos materiais os quais sejam disparadores de diversos sentidos como o tato, a visão e o olfato. Esses trabalhos são feitos de recipientes de madeira, vidros ou sacos, que têm compartimentos e carregam vários elementos, tais como areia, pigmentos, tecidos, água e carvão. Dessa forma, os espectadores podem intervir nessas obras e experimentar novas sensações, sendo guiados através da intuitividade.

Imagem 01. *Máscara abismo (1968).*

Fonte: Internet

Imagem 02. *Bólido Caixa (1965).*

Fonte: Internet

Após apresentar essas obras, fizemos questionamentos como: “você acham que é possível desenhar um som?”, “os nossos sentimentos tem cor?”, “e os nossos sonhos, pensamentos, conseguimos desenhar no papel?” A partir dessas perguntas disparadoras, as crianças foram desenvolvendo vários raciocínios a fim de que buscassem materializar o abstrato.

O ensino da Arte Contemporânea: estesia e sensorialidade na Educação Infantil*Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha*

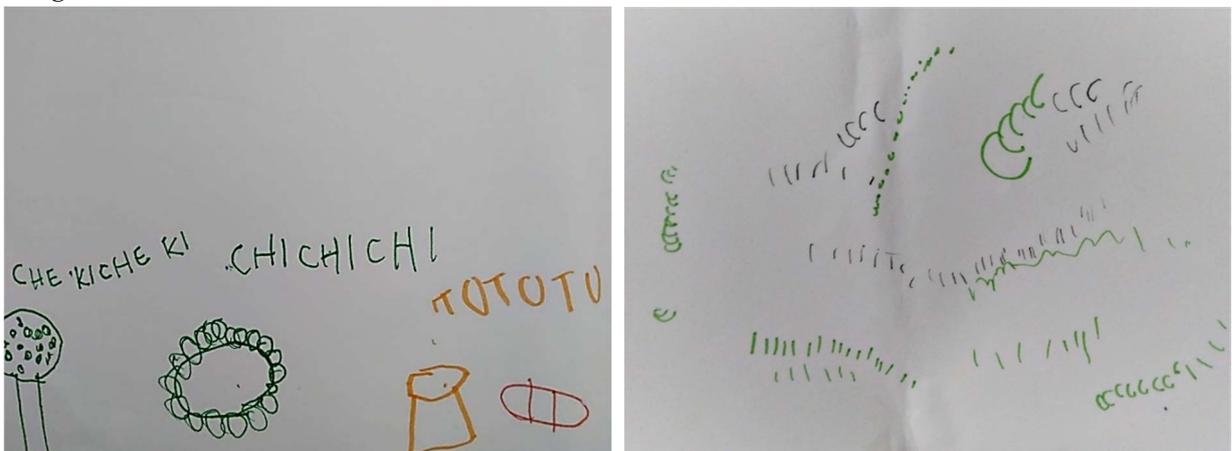
Dessa forma, propusemos que desenhassem alguns sons a partir de sons que saíam de dentro de uma caixa mágica. Levamos para a sala de atividades uma caixa contendo diversos objetos sonoros como: molho de chaves, alguns chocalhos e pau de chuva. A proposta de atividade foi que, sem mostrar qual era o objeto, produziríamos sons e, ao escutá-los, as crianças desenhariam de acordo com a melodia que o objeto produzia.

Nossa intenção era demonstrar para as crianças que objetos são produtores de barulho/sons e que o desenho pode ser além de “um sol atrás da montanha”, que linhas, pontos e hachuras também podem compor um desenho, ampliando o repertório e desconstruindo o padrão repetitivo de desenhos estereotipados, trazendo uma outra perspectiva de registro visual.

Como as crianças estavam em processo de alfabetização, algumas delas formularam sílabas que correspondiam aos sons, buscando transformar em palavras o som que escutavam (Imagem 03). Outras batucavam na mesa tentando “sentir” o que escutavam para assim conseguir representar, surgindo uma sinestesia entre as crianças, culminando em uma salada sensorial por meio de linhas retas, curvas, sinuosas, pontilhadas, na qual se misturavam os sentidos audição, tato e visão (Imagem 04). Muitas crianças desenharam movimentos circulares e repetitivos (Imagens 05 e 06), buscando reproduzir o ritmo que o objeto, ao emitir sons, provocava em seus corpos.

Imagens 03 e 04. Resultado da atividade “desenhando o som”.

156

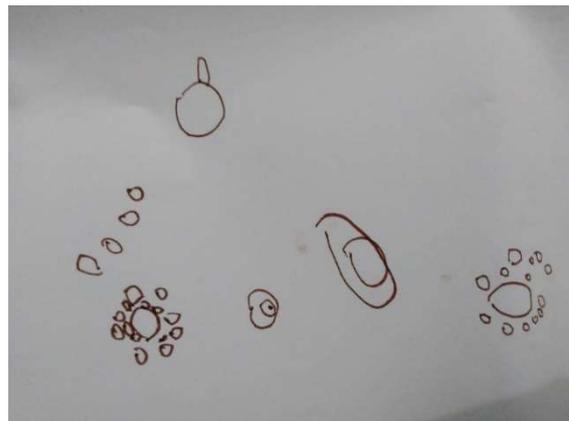


Fonte: da autora

O ensino da Arte Contemporânea: estesia e sensorialidade na Educação Infantil

Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha

Imagens 05 e 06. Resultado da atividade “desenhando o som”.



Fonte: da autora

Ao final da experiência, deixamos que as crianças vissem e brincassem com os objetos, afinal, elas estavam muito curiosas e demonstravam empolgação na interação com eles. Ademais, ficaram tentando adivinhar qual desenho era correspondente a qual objeto.

Imagem 07. Crianças experimentando objetos sonoros.



Fonte: da autora

O ensino da Arte Contemporânea: estesia e sensorialidade na Educação Infantil
Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha

Essa experimentação possibilitou que as crianças compreendessem que um desenho pode ir muito além de uma tentativa de cópia da realidade, ele pode ter um significado de sentido e expressar o imaginário e o sonoro de maneira visual, rompendo com a ideia de colocar a produção figurativa como sendo “melhor” construída e como única possibilidade.

Nossa segunda intervenção teve como inspiração o trabalho da artista Yoko Ono. Iniciamos estendendo um tapete no chão e, em seguida, propusemos que as crianças tirassem os sapatos e se sentassem. Conversamos sobre performance e questionamos se elas pensavam que era possível que o nosso corpo se tornasse obra de arte (imagem 08 e 09). Nos desdobramentos dessa conversa, apresentamos a artista Yoko Ono e o livro “ACORN” (2014).

Imagens 08 e 09. *Conversa sobre performance e leitura do livro ACORN.*



Fonte: da autora

Essa obra da artista Yoko Ono é repleta de poemas de instrução, de frases ativadoras de pensamentos e de vários outros exercícios que têm como objeto chave o próprio corpo. Yoko Ono o define como livro de ‘poesia em ação’, pois suas poesias e ilustrações disparadoras provocam e propõem ao leitor olhar o mundo a sua volta de uma maneira diferente, realizando exercícios que instigam e colocam em questão padrões de comportamentos os quais estamos tão acostumados a fazer que se tornam imperceptíveis. Dar sentido as formas de se relacionar consigo mesmo, com os outros e com o planeta em que vivemos é o objetivo dessa obra. Em diálogo com Amorim e Góes (2019), somos provocadas a defender

O ensino da Arte Contemporânea: estesia e sensorialidade na Educação Infantil*Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha*

[...] o ensino da arte contemporânea a partir da estesia como objetivo fundamental para o ensino da Arte na Educação Infantil, pois as crianças se mostraram curiosas e dispostas a aprender, a descobrir, a experimentar e a compreender o mundo ao redor a partir do que lhes era apresentado (AMORIM; GÓES, 2019, p.16).

Experiências como essas promovem a liberdade de ressignificar as atividades escolares e se conectam com o ato de brincar ao qual as crianças estão acostumadas, potencializando o aprendizado e também permitindo que elas intervenham nos espaços, a partir da atividade desenvolvida, da maneira que sentirem necessidade.

Ao final da leitura de alguns poemas, fizemos alguns experimentos, assim, por iniciativa das próprias crianças, elas performaram uma escultura coletiva (Imagens 10 e 11), atingindo o objetivo da atividade, que era desencadear a imaginação e a espontaneidade para criar, provocando o interesse das crianças, pois esse tipo de atividade destoa do padrão que elas, comumente, estão acostumadas a encontrar nas atividades de artes. Góes (2020, p. 66) nos propõe

[...] pensar como possibilidade de ações pedagógicas as performances, pois elas permitem, a partir dos corpos das crianças, explorar deslocamentos, direções, caminhos, ritmos, formas, cores, movimentos, diversidade de personagens e narrativas, dentre outros elementos fundamentais de cada linguagem da Arte. Mas a pergunta que fica é: a escola foi pensada para movimentar os corpos ou para docilizar os corpos? É fato que a escolarização ou a escola teimam em docilizar os corpos, em torná-los fáceis para a manipulação, o controle e também a punição.

Imagens 10 e 11. Crianças formando uma escultura coletiva.



Fonte: da autora

O ensino da Arte Contemporânea: estesia e sensorialidade na Educação Infantil

Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha

Por meio dessa experiência, vimos que é possível trazer o corpo como proposição e que o envolvimento subjetivo aproxima os sujeitos e democratiza a arte de modo a permitir que os modos de ser e estar se aflorem, e cada um sinta-se livre para se expressar. Percebemos também a impossibilidade de se desvincular Arte e Vida, afinal, existe a

[...] necessidade de alargarmos a experiência da criança se quisermos proporcionar à sua actividade criadora uma base suficientemente sólida. Quanto mais veja, escute, experimente, quanto mais aprenda e assimile, quanto mais abundantes forem os elementos reais de que disponha, na sua experiência, tanto mais importante produtiva será, mantendo-se idênticas as restantes circunstâncias, a actividade de sua imaginação (VIGOTSKI, 2009, p. 18).

Segundo Vigotski (2009), a atividade criadora do universo infantil é potente e com fluxo intenso. Atividades xerocopiadas e estereótipos limitam a criatividade das crianças, provocando um desperdício da capacidade criativa delas. Além disso, experimentar a arte é necessário, pois ela nos “[...] provoca, instiga e estimula nossos sentidos, descondicionando-os, isto é, retirando-os de uma ordem pré-estabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e se organizar no mundo” (CANTON, 2009, p. 12). Estimular o corpo a construir significados e conhecimentos sensíveis potencializa a concepção de criação espontânea, dando sentido ao fato de a arte ser um processo criativo de autoexpressão.

4 Considerações finais

160

Desde o princípio, ao elaborar o plano de atividades que seria executado, tínhamos como objetivo proporcionar às crianças pequenas experiências sensoriais e estéticas, questionando o uso de recursos fotocopiados viciados e repetitivos, e ressaltar como o ensino da arte contemporânea pode ser revolucionário ao possibilitar a constituição de um pensamento estético e sensorial.

O ensino da Arte Contemporânea: estesia e sensorialidade na Educação Infantil

Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha

Tínhamos como finalidade levar abordagens e discussões que fossem referentes ao ensino da arte em diálogo com a Arte Contemporânea com a intenção de promover, além da nutrição artística das crianças, o estímulo da autoexpressão por meio de todo o corpo.

Ressaltamos a importância de compreendermos a arte como linguagem que necessita ser experienciada e não somente ter como objetivo um produto final, materializado, pois

A necessidade de experienciar a Arte passa pelo conceito de Arte autorreferenciada, aquela que existe por si só e que não pode ser compreendida como produto, meio ou por seu caráter didático ou utilitário, e isso implica diretamente em uma postura de resistência por parte dos arte/educadores (GÓES, 2019, p.2).

Dessa forma, as crianças poderão ter a oportunidade de criar um repertório artístico educativo que faça sentido e que permita a expressão da subjetividade de cada corpo pensante. Defender a liberdade e a potência criadora das crianças é necessário a todos as/os educadoras/es que acreditam que a educação não se resume a um produto final, mas que a construção de pensamentos também pode e deve ser considerada enriquecedora.

Quando pensamos a arte contemporânea para um ensino contemporâneo da Arte, é preciso desmistificar ou melhor, desconstruir, romper com esses conceitos, pois nesse contexto, faz-se necessário falar de qualidade e não quantidade, de experiência e não de materialidade, de ativação dos corpos e não de corpos dóceis (GÓES, 2019, p.2)

Dessa forma, podemos afirmar que o processo de constituição de pensamento e experimentação do corpo precisa ser validado enquanto experiência artística, visto que as experiências de vida podem ser expressas por intermédio da arte, e essa evolução “[...] promove o desenvolvimento equilibrado entre o pensar, o sentir e o perceber na vida da criança” (IAVELBERG, 2008, p.5).

Torna-se premente que professoras e professores compreendam que as crianças podem desenvolver seu potencial criativo por meio do corpo, sensorialmente e esteticamente, e que, ao invés de bombardeá-las com ideias impostas pelos adultos ou que produzam algo material ao final de cada atividade de arte, é preciso pensar o ensino da arte vivenciada, experimentada pelo corpo, pois isso é revolucionário e libertador ao livrar as crianças das atividades

O ensino da Arte Contemporânea: estesia e sensorialidade na Educação Infantil

Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha

fotocopiadas, dos desenhos estereotipados e repetitivos que insistem em habitar as salas da Educação Infantil.

Referência

CANTON, Katia. **Do Moderno ao Contemporâneo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

DA CUNHA, Susana Rangel Vieira. **Como vai a arte na educação infantil?**. REVISTA APOTHEKE, v. 5, n. 3, 2019.

GÓES, Margarete Sacht; AMORIM, Heitor Andrade. **Uma metamorfose na Arte: do figurativo ao contemporâneo**. Pró-Discente, v. 2, n. 1, 2019.

GÓES, Margarete Sacht. **Rupturas e Resistências Para Um Ensino Contemporâneo Da Arte**. VII COLARTES, 2019.

_____. Diálogos entre a BNCC e o ensino da arte contemporânea para as séries iniciais do Ensino Fundamental. In: LOSS, Adriana Salete; SOUZA, Flávia Burdzinski; BITTENCOURT, Zoraia Aguiar. **Fundamentos didáticos e pedagógicos para pensar a docência nos anos iniciais do ensino fundamental: diálogos com a BNCC**. Rio Grande do Sul: Editora CRV, 2020.

IABELBERG, Rosa. **Interações entre a arte das crianças e a produção de arte adulta**. Florianópolis: ANPAP, p. 1425-1436, 2008.

ONO, Yoko. **Acorn**. Tradução Carolina Caires Coelho, ilustrações da autora. 1ª ed. – São Paulo: Ed. Bateia 2014.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Imaginação e a Arte na Infância**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2009.